

**PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 3 DE JUNHO DE 1998**

*Senhor Vice-Presidente, Doutor Marco Maciel; Senhor Presidente do Congresso Nacional e do Senado Federal, Antônio Carlos Magalhães; Ministro Gustavo Krause, do Meio Ambiente e Recursos Hídricos; Senhores Ministros, numerosos, que aqui se encontram; Senhores Governadores que nos dão a honra da presença; Senhores Secretários de Estado; Senhores Líderes que aqui se encontram; Senadores, Deputados Federais; Senhor Representante do Banco Mundial, Doutor Roberto Schneider; Senhoras e Senhores,*

O Ministro Krause explicou do que se trata a cerimônia em que nós estamos celebrando este acordo, este convênio, com o Banco Mundial. Convém chamar a atenção para o fato de que nós levamos três anos para a obtenção deste primeiro acordo e de que há uma programação que nos vai levar, até o ano 2010, atingindo 1 bilhão de reais.

Isso mostra, por um lado, o interesse do Banco Mundial em nós e, por outro lado, as dificuldades de fazer mover as máquinas para que se chegue a um resultado efetivo.

O Ministro Krause mencionou que o Governo Federal está investindo no semi-árido 2 bilhões e algumas centenas de milhões de reais. E

mencionou também – o que me parece conveniente repetir – que nós acrescentamos à capacidade hídrica ali existente e depositada mais 33%, de 30% a 35%, a tudo que se fez na História do Brasil. Provavelmente, dados semelhantes a esses possam ser vistos em várias outras áreas de interesse do País.

Nesses três anos, nós fizemos o possível e o impossível para reorganizar o País, reorganizar o modo pelo qual se gerenciam os projetos, reestruturar as fontes de financiamento – o que não é uma tarefa fácil – e chegar, finalmente, àquilo que tinha chamado a nossa atenção desde os tempos da comissão do Senador Carlos Wilson sobre as obras paralisadas no Nordeste: as obras estavam paralisadas no Brasil todo. O Brasil dormia, às vezes, com pesadelo. Estamos, agora, despertando o Brasil.

Das obras que foram apontadas, creio que 60% foram retomadas, concluídas muitas delas, não sei o número exato. Algumas foram descartadas. Mas algumas são obras centenárias, algumas são obras que vêm do tempo de D. Pedro. O Brasil precisa é disso, precisa de despertar e continuar muito ativo, continuar alerta, trabalhando, com persistência, organização e continuidade. Por certo, essas obras todas são bem-vindas.

Poderia acrescentar que nós irrigamos 160 mil hectares de terra. Irrigamos. Tudo isso contraposto às necessidades do Brasil é uma gota d'água. Nós estamos enfrentando problemas que foram legados por gerações. O Nordeste todo sabe disso.

Infelizmente, não foi possível iniciar outras obras. Por exemplo, aqui vejo o Aluizio Alves, que é o grande inspirador da transposição do rio São Francisco. Está aqui presente o Secretário de Políticas Regionais, e o anterior sabe disso: que no Tribunal de Contas tivemos processos de licitações parados por meses a fio. Retomamos, as obras estão licitadas. Quem sabe seja possível começar, agora, na estiagem que existe no Nordeste, pelo menos certas obras preliminares, numa antecipação do que possa vir a ser o futuro. Com os cuidados necessários com o meio ambiente, com os cuidados necessários para avaliar, efetivamente, o significado de tudo isso, mas num sinal claro de que o Brasil continua preocupado com a questão hídrica.

E por mais que se tenha feito, por mais que nós tenhamos já em marcha – e há muita obra em marcha, os Governadores estão aqui, sabem disso – obras de adutoras, de represamento de águas, isso não vai nunca nos livrar de, de vez em quando, sofrermos as calamidades, como estamos sofrendo agora, porque a água está no depósito e tem a adutora, mas a água não chega lá no interior, no campo, onde a pessoa está sofrendo com a seca, efetivamente.

Essa situação obriga, portanto, que, permanentemente, nós tenhamos outro tipo de ação simultânea. A Sudene – e o Doutor Sérgio Moreira, recém-nomeado por mim, de uma forma direta, com o apoio do Vice-Presidente, para que nós possamos retomar na Sudene a iniciativa no Nordeste, para que o Nordeste possa cuidar de um conjunto de obras –, a Sudene está, também, articulando-se para isso. Nós não podemos, pelo fato de que estamos prevendo que haverá água no futuro, esquecer de que não há água neste momento. E, em vastas regiões do Nordeste, nós precisamos de ação imediata, e estamos tendo.

Muita gente até imaginava que talvez não fosse necessária a cesta básica. Vai ter cesta básica. Está tendo cesta básica. Porque, quando a pessoa tem necessidade, não adianta imaginar que é melhor ter trabalho do que cesta básica. É melhor. Mas, enquanto não vem o trabalho, que chegue a cesta básica.

O trabalho está chegando, também, porque autorizei o Governo Federal, em articulação com os governos estaduais, para que começasse o alistamento, para que nós pudéssemos dar trabalho, com uma inovação: além do trabalho, dentro de uma visão de dignidade do cidadão, vamos dar também instrução e capacitação. Lá, no Ceará, já há um programa de alfabetização. Em outros estados, há programas de capacitação. Em todos os estados há uma articulação em nível municipal. Poder-se-á dizer que custa muito tempo organizar as comissões locais, mas mais vale organizá-las do que amanhã sermos acusados de estar, outra vez, introduzindo a indústria da seca. Esta não voltará. O Brasil, hoje, é um país decente, e o controle da sociedade é necessário para que a distribuição de cesta básica e o alistamento de trabalhadores sejam feitos com critérios que não sejam, meramente, de interesse local, parti-

dário, político, seja lá de quem for. Estamos fazendo e vamos continuar fazendo o necessário para o atendimento emergencial do Nordeste.

Quero repetir uma informação, para que não parem dúvidas. Por volta do mês de outubro, alguns governadores nos alertaram sobre a seca. Fizemos reuniões aqui, com técnicos. No mês de dezembro, vieram novas informações técnicas, dizendo que, pela configuração do El Niño em contraposição à massa do Atlântico, dificilmente haveria seca. Estive reunido, anteontem, com o Diretor do Inpe, que confirmou que, efetivamente, só no dia 9 de abril é que se configurou uma situação, do ponto de vista técnico, em que se dizia que realmente a seca chegara lá. Por que digo isso? Porque é fácil dizer que o Governo sabia e não atuou, mas difícil é buscar o percurso para saber por que atuou, quanto e como. E da seca que se instala, agora, efetivamente seus efeitos mais danosos dar-se-ão a partir da falta de colheita. Portanto, estamos agindo e organizando a distribuição de alimentos para que não ocorram esses efeitos mais danosos, quando chegar o momento mais dramático. Mas não tenhamos dúvida de que nós precisaremos de muita solidariedade organizada no Brasil, do Governo Federal, do governo estadual, do governo municipal, para com aqueles que vão ser alcançados e já estão sendo alcançados pelo flagelo da seca.

Essas obras todas, Senhores Ministros, Senhor Presidente, Senhor Vice-Presidente, Senhores Deputados, Senadores, Senhoras e Senhores, são obras reestruturadoras, como disse o Ministro Krause. Era tudo que me pediam, quando comecei o Governo: que não voltasse a fazer ao Nordeste o que sempre fora feito, obrinhas desgarradas umas das outras. Não as fiz. Fizemos obras reestruturadoras, grandes açudes, grandes adutoras. Só em Alagoas, há duas ou três adutoras. Repita-se o mesmo para o caso de Pernambuco. Lá, no Rio Grande do Norte, é a mesma coisa, fizemos e estamos fazendo as obras reestruturadoras. Na Bahia e em todos os lados, a política do Governo, na questão hídrica, foi uma política de seriedade. Só que o Governo, sem perder esse rumo – isso é um exemplo vivo, esse Proágua é de hoje –, não deixou de atuar, como está atuando agora, num momento agudo de um flagelo climático que ocorre.

Mas não vamos perder o rumo. O importante é continuar com as obras reestruturadoras, porque são elas que, efetivamente, permitem que se resolva não a seca – essa não depende de obra –, mas o problema real do Nordeste que são os níveis de pobreza. São os níveis de pobreza. E só se melhoram os níveis de pobreza com investimento, com obras reestruturadoras e com investimentos privados – que, por sorte, para o Nordeste, estão chegando. Estão chegando, abundantemente. E é só nós mantermos um clima de confiança no Brasil que esses recursos continuarão chegando, tantos os nossos quanto os de fora. Em conjunto, vamos lutar contra o maior problema, que é o da pobreza, e aprender a conviver, dominando onde possível a seca, mas aprender a conviver com ela, num patamar mais elevado, que é a disposição de melhores recursos, tanto públicos como privados, como, sobretudo, de melhor renda para os cidadãos. Por isso, essa reunião é bem-vinda no dia de hoje, porque mostra essa conjugação de esforços e mostra que nós vamos, estamos trabalhando e continuaremos a trabalhar. Juntos, e muito solidários com povo que está sofrendo no Nordeste, vamos superando os obstáculos que se antepõem a um caminho de maior bem-estar e prosperidade para o povo brasileiro.

Muito obrigado.

